

Quatro entradas em poema-aparelho-isto-arte

Roberto Corrêa dos Santos¹

(Talvez) poemas consistam em aparelhos compostos de medidas por vezes mínimas, por vezes longas, médias também: o poema e seus tamanhos. Tamanhos e sentidos, formas de respirar, velocidade, síntese, alargamento, fôlego – trajetos afetivos em espaços perfeitos, ou, assim não sendo, quebra-se o aparelho. Muito bons podem ser por se quebrarem – nem sempre. Vários quebram-nos: poema-imagem-alma de Glauber Rocha: aparelho árduo, disposto para o alto e para o grito: volumes agudos dentro da caixa – uma caixa-maior, belamente ruidosa. Mais do que a de Robert Morris, que igualmente soube cantar o poder dos atos e dos feitos expandidos. Aparelhos-obras programados para que se reconheça aos poucos ou de súbito seu vasto arsenal de operações; destinam-se a deixar-nos livres aos sentidos diferentes dos imediatos, às brincadeiras, aos processos intuídos. Ensinam-nos a agir com – vinda de onde não sabemos logo –, a perícia necessária: indispensável para que articulemos o geral e o detalhe, aproximando-nos de qualificados rendimentos técnicos de proximidade, toque, leitura, engate obtidos do intercâmbio estabelecido entre a natureza do aparelho, um a um, e a natureza do operador, aquele – o que o encontrou. Acordo ou luta ampliam o entender, mesmo quando tal ocorra por força de ordens acentuadamente impostas pelo corpo, portanto, carne (sangue e fibras nervosas): o poema-em-carne de Artur Barrio, uma geométrica alcatra, bife a bife – livres e presos, pois não entregues como folhas soltas: livro graças à lombada e à escrita a haver no tecido, boi, vaca, cordeiro etc. Em um naco, todo o programa, d/n/a/, receitas de, (in)factíveis. Na matéria do poema, o sacrifício, Deus, Deus, Deus, as religiões, a morte – o renascer em forma , pacote e mancha.

¹ Professor do Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

(Talvez) poemas lancem-se; exigem o tempo, a prática, o refletir, o deixar-se; confrontos, arte, aventura – dobragens dos simplicíssimos mecanismos encontráveis no pasto; um animal a rir e a afirmar o crescer (e o amor). Aparelhos de observância das (próprias e não) afecções. Mova-as, siga-as: agilidade, desprender-se, e tudo como se estivéssemos, ao ligarmos o aparelho-arte, a reescrever, em programas, grandes sentenças microscópicas, integrantes do sistema hard em possibilidades e regras, e combinatórias: difusas, abertas, impiedosas. Tarefa a ir-se constituindo com a coisa e o fato e a inocência e a argúcia. Diz – trata-se de dizer algo. Diz: estareis soltos (depois) e recorrigidos (depois). Não temer acionar-me. Funcionando, que se testem capacidades dos aparelhos que somos, dos aparelhos que vemos, dos que criamos: que se verifiquem conexões – para que, de ponto em ponto, deles mesmos se retirem, em certo estágio, componentes enfraquecedores, substituindo-se constantemente memórias a fim de que mais e mais se cruzem os tempos, os ociosos, os silêncios, o jamais. Diz: alcançar o que nos teria parecido ser o limite máximo: voar e retroceder e assim conduzir os aparelhos para locais de maior plugagem recepional e de maior contaminação orgânica (sempre retransmitidos por outros e outros aparelhos, mais e mais excelsos, entre eles os provenientes das subjetivações externalizáveis por altas intensidades. Estar, pois, na sintonia das múltiplas e móveis estruturas que aparelhos abrem e na direta e conseqüente rede dos incontáveis sentimentos aferidos – este o ato do poema, qual seja o modo de apresentar-se: justo acerto entre aquilo que se passa no campo da racionalidade das emoções e as peças (sígnicas, plásticas, sonoras: suprasegmentais): Richard Serra a ampliar relevo e olho. Aparelhos capazes de estabelecer as correspondências (as largas, as restritas) e os assaltos amorosos e inesperados das forças. Cabe conjugar instintos e pulsões; assinalar a contrapartida normalmente explosiva, proposta pelo desgaste (e polimento) decorrente da guerra que se exerce entre as inteligências da matéria; iniciam-se ali os argumentos.

(Talvez) poemas realizem serviços simples; costumam comportar conjuntos de mensagens pré-gravadas (as ressonâncias de poemas, atuais e antigos, sempre presentes e a acompanhá-los). Poderemos recorrer, dada a situação de embaraço ou pesquisa, aos recursos de reenviá-los a (a) seus modelos conservadores, (b) suas imagens primevas, (c) seus temas contínuos, (d) sua perspectiva quase a-histórica, (e) seu arsenal imóvel, confortável e desconsciente. Útil, utilíssimo, reconhecer lembranças e ecos: poemas-aparelhos-arquivos – grandes gavetas, enormes painéis, imagens a tudo cobrir, o aparelho Aby Warburg (devastem-se arquivos e arquivos). Sustentam-se grandes vigores por meio de incontáveis e colaborativos lugares-comuns; o poema-aparelho-arte acolhe e faz valer a carga do irrecusável. Não apenas dela se nutrem os aparelhos, como procuram garantir o participar; tentam construir provas quanto ao estar-vivo; carecem – há os que não, para as assertivas acima e abaixo – do pensamento secreto (logo, consideram o fator-evadir) de um-quem-operante-próximo-a-chegar. Para desfazer, montar, rir, não (se) dar conta de. Exercem a energia constante das formulações-de-base, das quais seria estratégico (embora impossível) alguém escapar para não se fazer miudamente dominável. Pois assim é – qualquer aparelho compõe-se de amplitudes e de provas de constrangimentos. Daí as grandes e as diminutas respostas, as grandes e as diminutas aprendizagens. Sabendo haver, ao lado das mensagens tópicas e arqueológicas (as constantes das culturas de que provêm e as com que se relacionam diretamente), os sinalizadores impróprios: poemas-aparelhos, chaves distantes das caixas. Na mente inscrevem-se repertórios de mundos diversos, para que se tenham e se dominem, até certo limite, códigos-de-acesso, variadas senhas. Acervos parciais podem ser abertos; grandes quantidades de recados impressos nos aparelhos requerem constância e delicadeza no uso dos dicionários (os diretos e os virtuais) que os compõem . Teclando o verso, a linha, o ponto, o vértice, a temperatura, o odor, conjugando-os, as línguas de que dispõem expandem a tal ponto que haverá o momento de não se identificar o norte (setas e motivos). Bom, excelente – principalmente caso possamos ir além do saber e saltar por sobre o senso de coerência: teria sido isso entender e fruir.

(Talvez) poemas peçam, como entes e seres, auxílio: carecem do emprego de uma ardorosa pragmática, e sentem-se mal quando almejam ou recebem sentidos (vejam-se as curvas, as nuvens, os desaparecimentos): poemas há que obtêm circuito por intermédio da imobilidade, do claustro, do reter. Outros, por explicitarem sua vontade nômade, ora gregária: saem, refazem casas (uns agora não se movem, meditam; meditam também aqueles neste instante em disparo), seguem o cão e a rua, não importando, contudo, o fato de que se encontrem em risco – por opção ou por inevitabilidade (e assim é) –, de (aparelhos, pois): queimarem. Ou, em pouco uso, sofrerem definitivos danos. Morrer (ser outro) pode ser objetivo de toda aparelhagem-arte: (a morte, ei-la – sábio, afirma um aparelho). A morte não para se tornar comentada; sequer vivida. Para ser posta em uso: tantos e tão ricos seus nutrientes. E talvez não. Sabem os aparelhos a morte não consistir em problema deles ou de quem. Os mortos aparelhos-poemas despertam não apenas ao meio-dia; destituir, inaugurar: verbos da morte e da arte. Trabalhos ganham quando explodem ou ardem. Quando recusam. Ou cedem (por destemor). Deles recolheremos resíduos para acoplar a outros e outros, e, ainda, migalhas, qualquer pó ou sobra ou casca. Sopraremos. Para tanto, deva-se antes (obras propõem) ir ao escuro assim como ao claro. Estar. Um coração bombeia.